

Os encantos de Medeia: a transformação do mito trágico ao cômico

The enchantment of Medea: transformation of the tragic myth into comedy

EDILUCE BATISTA SILVEIRA

Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia.

Resenha de: SILVA, Antônio José da. Os encantos de Medeia. Apresentação, comentários e notas de Kenia Maria de Almeida Pereira. São Paulo: Edusp, 2013.

AO PUBLICAR A OBRA *OS ENCANTOS DE MEDEIA*, A EDUSP – EDITORA DA UNIVERSIDADE de São Paulo – traz à tona uma discussão antiga e complexa acerca de um dos mitos mais trágicos, causador de perplexidade entre os leitores: o mito de Medeia. Mulher que, transtornada pelo amor malsucedido, mata os próprios filhos como forma de vingança e como estratégia para o livramento desse sentimento. É em Eurípides (431 a.C.) que Medeia recebe a aparência de bruxa, de figura enciumada, de mãe atormentada por amar em excesso e, por isso, infanticida. A tragédia é a marca de uma Medeia que está aliada ao ódio, visto que, desesperada, comete uma das maiores atrocidades que o imaginário humano pode suportar.

No entanto, Antônio José da Silva (Rio de Janeiro, 8 de maio de 1705 – Lisboa, 19 de outubro de 1739) confere à figura mítica de Medeia uma caracterização bastante peculiar: aquela que era a feiticeira, atormentada pela ausência de amor, toma a feição lúdica e cômica. O Judeu – como era chamado – reatualiza o mito trágico de Medeia, resgatando-o e transformando-o por meio de uma imagem satirizada. Como, na obra desse comediógrafo, é recorrente o uso da chacota, do riso, da sátira, essas estratégias são colocadas em evidência na peça teatral *Os encantos de Medeia*. O trágico é transformado, então, em cômico.

Ao organizar a publicação da peça *Os encantos de Medeia*, a professora Kenia Maria de Almeida Pereira pretende resgatar as obras de Antônio José da Silva, dada a relevância desse dramaturgo para a literatura brasileira. Essa peça teatral foi encenada no Teatro do Bairro Alto de Lisboa, em maio de 1735, conforme nos apresenta a organizadora. Certamente, a encenação dessa dramaturgia causaria perplexidade nos espectadores tamanha é a carnavalização do trágico.

Os encantos de Medeia é uma peça diretamente ligada aos mitos da Grécia Antiga. O enredo gira em torno do amor não correspondido da princesa Medeia por Jasão, que vai até a ilha de Colcos onde há, em um célebre jardim, o velocino de ouro – pele de ouro de um carneiro. Jasão quer possuir esse aparato com o intuito de enriquecer, mas apaixonou-se por Creúsa, sobrinha do rei. Como Jasão sabe dos sentimentos de Medeia, convence-a a provar seu amor, ofertando ao amado o velocino. Após ter cumprido sua promessa, a princesa é traída e abandonada. Então, ela decide se vingar do amado, mas não obtém êxito. Como forma de julgamento, já que a filha traiu o pai, o rei concede o casamento da sobrinha, Creúsa, com Jasão e, assim, pune Medeia de maneira aterroizante, privando-a de seu verdadeiro amor.

É curioso o encontro de Medeia com seu amado Jasão nas primeiras cenas da peça: ela revela que “vive ardendo”. Ao longo do texto, a protagonista deixa em evidência a força da representação de um feminino ousado e, por isso, com uma representativa deveras significativa, para aquele momento histórico (século XVIII, quando a peça foi encenada), considerando algumas cenas repletas de erotismo. Medeia é uma personagem ciente de seus desejos, sabedora dos encantos que possuía. Contudo, não quer usar magia para seduzir seu amado, pois ela sabe que o amor depende da vontade, e não da magia. Interessante analisar que, em uma peça cujo título aparece o vocábulo “encantos”, a personagem não os usa para obter tudo o que desejara, mas impressiona-o ao conduzi-lo, sem perigo algum, para o jardim onde ficava o velo de ouro e causa temor também quando conclama as sereias para ajudar a evitar a fuga de Jasão e Creúsa. Mesmo com a frequente manifestação do inusitado, da magia, Medeia não usa desses subterfúgios para atrair Jasão. São as suas manifestações fantásticas que conferem a *Os encantos de Medeia* o caráter de opereta fantástica que provoca no leitor uma viagem ao universo imagético virtual.

A Medeia de Antônio José da Silva é uma personagem contrária à de Eurípidés, considerando que a imagem dela é desconstruída. Kenia Maria Pereira de Almeida (2011) revela-nos – no artigo *A feiticeira Medeia no teatro de Antônio José da Silva, o Judeu* – que “...o Judeu criou uma Medeia risível, com direito a tiradas espirituosas...”. Toda a tensão da figura mítica provocada por Eurípidés é desfeita ao lermos a obra de Antônio José da Silva. Infanticida, colérica, vingativa, invejosa são os atributos de Medeia de Eurípidés; contudo, mesmo que se possam detectar alguns adjetivos semelhantes, a protagonista de Antônio José da Silva possui outros que encantam – como prevê o título da pe-

ça – o leitor. Como o Judeu consegue transformar a figura mítica? Por meio do aspecto caricatural, ou seja, a protagonista adquire uma visão subvertida, cômica, visto que esses traços são acentuados.

A maneira usada pelo dramaturgo para denunciar de forma cômica as facetas do feminino torna a peça ainda mais agradável e irreverente. Em um momento em que a mulher é concebida como um “Outro” e estando, por conseguinte, na condição – como defende Simone Beauvoir (2000) em *O segundo sexo* – de inferioridade, já que “não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade...” (BEAUVOIR, 2000, p. 91), é notória a representatividade do mito Medeia: mesmo “desfigurada” pelos recursos satíricos de Antônio José, essa figura ainda contribui para a denúncia histórica acerca, também, das questões de gênero.

Antônio José da Silva lida com um terreno minado, cheio de melindres e denúncias acerca das questões sociais. Com peça *Os encantos de Medeia*, não seria diferente, considerando que, durante o século XVII, ocorria a caça às bruxas em alguns países como Portugal. Por isso, ao criar uma outra Medeia, o Judeu critica, alegoricamente, o período inquisitorial, quando várias mulheres foram denunciadas, perseguidas e mortas por serem bruxas ou feiticeiras. Na peça, não há “rodeios” para caracterizar a protagonista como uma bruxa, pelo contrário: há uma necessidade eminente de fazê-lo diante das atrocidades, como as torturas e a morte pela fogueira, experienciadas pelas mulheres consideradas subversivas. Nesse sentido, a personagem do Judeu possui um poder que causa temor aos homens, pois Medeia amedronta-os, ainda que com traços bastante jocosos. Não se pode esquecer de que ela é mulher e, por isso, está fadada a provocar no outro o medo. Como agente de tal sensação, segundo propõe Jean Delumeau (2009) em sua obra *História do medo no Ocidente*, está

condenada a práticas demoníacas e a ser subjugada pela sua inferioridade.

Além da presença de nomes jocosos – como Sacatrapo, protagonista que usa do humor para romper com algumas tensões vividas por ele que é um bobo da corte –, há, ao longo da peça, trechos contendo trocadilhos carregados de graça, que conduzem o leitor ao riso, seja por meio da prosa, seja pelos trechos poéticos. Em vários momentos da peça, é possível verificar uma preocupação do escritor em relação ao rompimento da ordem por meio da crítica, não só ao contexto histórico, mas também ao comportamento social. Como artífice da palavra, o Judeu compõe seus trocadilhos de forma a manter um vínculo com o leitor, tornando-o, até mesmo, seu cúmplice.

Pensar nas estratégias que José Antônio da Silva usava para criticar a violação dos direitos do sujeito considerado marginal durante o período setecentista é verificar a universalidade e a atemporalidade da peça *Os encantos de Medeia*. A problemática denunciada com um discurso recheado de humor, de sarcasmo provoca no leitor a sensação de que os fatos representados por meio da obra estão próximos a uma dada realidade. O que torna a dramaturgia do Judeu provocadora e reflexiva é a capacidade de, mesmo diante da perseguição e das agruras vividas, contar com a presença da “leveza”, do risível e do poético em seus textos.

O trabalho de organização da obra *Os encantos de Medeia* – realizado pela professora Kenia em parceria da Edusp – possibilita que a memória e a obra de Antônio José da Silva estejam sempre vivas, viabilizando que todos os públicos tenham acesso a esse tipo de peça cujas temáticas são tão contemporâneas devido à ludicidade e à criticidade tão peculiares a esse dramaturgo. Um projeto que vise a reeditar as peças de José Antônio da Silva só pode trazer uma valiosa colaboração para os

estudos literários daquele que contribuiu significativamente para a literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Volume 1. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SILVA, Antônio José da. *Os encantos de Medeia*. Apresentação, comentários e notas de Kenia Maria de Almeida Pereira. São Paulo: Edusp, 2013.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *A feiticeira Medeia no teatro de Antônio José da Silva, o Judeu*. Fênix: Revista de História e Estudos Literários. Vol. 8, ano VIII, n. 3. Maio/junho/julho de 2011. Disponível em

http://www.revistafenix.pro.br/PDF26/Artigo_2_Kenia_Maria_de_Almeida_Pereira.pdf

Recebido em 10/04/2015

Aceito em 23/04/2015